

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens me ipsam
ad destinatum persequor, ad braaium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XII — A devoção do sacerdote), pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Os velhos*, pelo ex.^{mo} sr. Barbosa Gama. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *A indisciplina social e a necessidade de restabelece-la*, pelo ex.^{mo} sr. Placido de Vasconcellos Maya; *Decadencia moral*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; *Africa!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre redução de pensão*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Judith*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *A verdadeira Lour'es*, pelo ex.^{mo} sr. Fideão do Lima; — SECÇÃO ILLUSTRADA: *O cavalleiro do Sol, principe adepto*; *A apresentação da Santissima Virgem no templo de Jerusalem*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *O Cavalleiro do Sol, principe adepto*; *A apresentação da Santissima Virgem no templo de Jerusalem*.



O CAVALLEIRO DO SOL, PRINCIPE ADEPTO

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XIII

A DEVOÇÃO DO SACERDOTE

Vê-se palpitante a infinita riqueza do poder divino n'esta variedade de seres creados, nas grandes distancias, que os separam, e nos poderosos laços, que os unem, na sombra universal, em que se ajuntam e nos traços, que os separam, nas diferenças, que estorvam a monotonia, e nas semelhanças, que estabelecem os accordes da harmonia mais attrahente.

Nos espiritos, porém, destinados ao estudo d'este mundo visível e para os que Deus preparou além os mais extensos e formosos horisontes, essa variedade harmonica, essa diferença e semelhança, essas sombras, em que se agitam e essas luzes, que irradiam, tem para o espirito, que no remanso da reflexão descansa, os mais poderosos attractivos, os encantos mais sublimes da mais captivante harmonia.

E' certo, que n'este mundo visível, onde tudo apparece girando n'uma espontaneidade necessaria, não se perturba em nenhuma das suas partes falta, porque descansa sómente na omnipotencia divina.

No mundo espirital, composto por agentes livres, os que dos caminhos da justiça e da verdade, por Deus traçados, se distanciam, formam um mundo á parte, por conta d'elles, e á custa da sua dignidade e das venturas proprias. Mundo de trevas e d'horrores, de mentiras e d'enganos, de misérias e de infamias, de terror e d'espanto: sem outra harmonia, que os desaccordes. Isso é com elles. O nosso é outro.

N'este mundo espirital, onde, por favor da providencia divina, nos encontramos, onde os espiritos pairam nos bellissimos horisontes da verdade e da virtude, essa variedade harmonica é sublime.

A religião uma, porque Deus é um; mas seus dogmas tantos e tão sublimes, diversos, mas tão acordes; seus preceitos tantos e tão variados, mas marcando todos a unidade da verdade e da justiça: seus cultos mui distinctos, singelos e solennes, tristes ou alegres, graves ou expansivos, todos se dirigem a Deus, seu centro.

Os sacramentos tão diversos como as necessidades das almas, todos, para bem d'estas, harmonicamente operam.

As virtudes variadas como as estrellas do céu e as flores dos prados, todas se juntam e formam esse precioso balsamo, que dizemos—piedade christã.

Cada uma das virtudes nos seus caracteres é mui variada, e, ainda assim, é sómente uma, no que revela uma harmonia a mais harmonica.

A mesma planta nas serranias dá mais meudas flores, do que se estivesse no fundo d'um valle ameno: e ainda n'este não as dará tão grandes, nem tão dobradas, como as daria se levada fosse ao jardim d'esmerado botanico intelligente.

Tambem as virtudes traduzem nos seus esplendores a bondade do coração, onde se criam, e o esmero da mente, que as cultiva.

A devoção da gente singela dos campos é simples, como as boninas dos prados. A devoção do sacerdote deverá de ser dobrada, como as melhores rosas no bom jardim do gran Senhor.

Encarregado aquelle do cultivo dos jardins de Jesus, deve conhecer bem as flores, em que o seu Senhor mais se agrada, e essas cultivar e com ellas adornar-se, para ser bemquisto na côrte do seu rei.

A devoção do sacerdote deve d'arder no seu coração, como o incenso nas brasas do thuribulo, e, como aquelle, encher de bom cheiro a casa do Senhor.

Deve de ser como a luz da aurora, que, sem fazer o menor barulho, vem espancando as trevas da noite de serra em serra, de valle em valle, de monte em monte até chegar ao ultimo recanto.

Deve de ser, como essa brisa matutina e creadora, que se alastra mansa na campina, bafjando plantas e flores, temperando os rigores das noites frias, dispondo assim os viventes, para receberem, sem abalo, a luz e o calor do pleno dia, matizando côres, temperando aromas, sacudindo o pesado orvalho, sem levantar poeira e semeando vida, saude e formosura.

Deve de ser como a lampada do templo solitario, que arde lá no centro, enchendo aquelle demagestade, edeixando sair por suas friestas essa luz mysteriosa, que confunde ao impio, consola ao piedoso, dá alento ao que desfallece, serve de norte ao caminhante, faz tremor ao criminoso e arder ao justo no amor do seu Deus. Dá luz para todos sufficiente, sem offuscar a ninguem.

A devoção do sacerdote deve de ser communicativa, como o ar, que respiramos, e como a luz, que nos allumia.

Não é bastante, que a devoção viva no coração d'elle.

E' necessario, que o povo christão participe d'ella, porque a tanto tem direito; porque o sacerdote lhe pertence por ser o seu intermediario perante o seu Deus.

O que sómente aspire a ser bom para si que se faça freira ou eremita, sacerdote não; porque este ha de ser bom

para todos; e não sómente no templo, mas tambem em casa, na rua, na sala, na mesa, nas praças publicas e no theatru, em toda a parte.

Nem ha-de apparecer sómente devoto quando ora, mas tambem quando ensina, quando conversa, quando escreve, quando modestamente se diverte, quando ri e quando chora, sempre, sempre.

Dispensador das sublimes ternuras de Jesus, deverá de ser um calix a trasbordar o balsamo suavissimo do amor divino; mais suave que as brandas brizas d'oriental jardim, mais que as suaves delicias do paraizo terreal, que esse amor bafejava, mais que as caricias maternas por elle promovidas, desejando que o povo christão disfructe a suavidade d'esse balsamo, e, se possivel é, até que se enebrie n'elle, para que não desfalleça nas agruras e nos azedumes da vida.

Tal devera de ser a devoção do sacerdote.

Mas, pobre sobrado mortal, quanto haverá de lutar, para conservar-se no seu posto?

As paixões o assediam, o mundo o escarnece, e peor é ainda quando o afaga, e ha de portanto combater as fraquezas proprias e supportar as alheias.

Quem o sustentará no seu posto? Sómente a divina graça. E para a alcançar ha que orar, suspirar, meditar e que humilhar-se tanto!

Se para serem devotos hão todos de lutar, como bons soldados, o sacerdote, para o conseguir, haverá de combater, como esforçado e valoroso official do exercito christão.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Os velhos

QUANDO em outros tempos a creança em Deus era divisa da humanidade, quando a creança era embalada nas puras ideias d'uma religião sem mancha, quando havia o maximo cuidado em lançar no coração da infancia a semente do bem, quando se procurava offerer a creança optimos livros de sã doutrina e formar-lhe o espirito assente nos bons principios e nos castos exemplos dos paes; tudo parecia ajustar-se n'uma concordia santa que a todos gaiava no justo caminho da felicidade eterna. Cada homem era um heroe prompto a dar a vida pela sua patria e a derramar seu sangue por Jesus. Cada filho não tinha por lemma senão ser util á familia e engrandecer o nome da sua patria.

E' que a religião era o balsamo sagrado, era como que o cadinho onde se pacificavam os seus corações, era

como que o pharol refulgente que, espalhando as sombras da devassidão e do crime, illuminava a estrada do bem e da virtude. E' que outr'ora o chefe da familia fazia do templo o lugar de ventura e de paz, e levando ali seus filhos, achava prazer em os ver curvados e reverentes ante o confessorio, onde iam cheios de fé e creença confiar ao sacerdote os seus segredos mais intimos, e rogar-lhes os conselhos mais salutaes, e voltando d'alli ao lar paterno, era como que um outro templo cheio de encantos e carinhos, onde as horas passavam rapidas.

Os templos enchiam-se de fieis, não para formar uma galeria de *toilettes* e carmin, mas sim para entoarem hymnos cheios de unção e de fé.

Via-se no sacerdote o ministro de Jesus, acatavam-se as suas ordens, seguiam-se os seus conselhos e ao vel-o passar em suas vestes negras, symbolo de modestia, curvavam-se reverentes ante o ministro do Senhor.

Quando a voz sonora da Egreja annunciava do alto do campanario em plangentes tons as *Ave-Marias* — todos se descobriam, como se aquella voz fosse a propria voz de Deus.

No pincaro das serras, no concavo dos valles, no alcantilado das encostas, erguia-se o convento, abrigo de paz e caridade, refugio dos pobres d'onde nenhum se retirava sem que a mão da caridade lhe mitigasse a fome ou lhe enclugasse o pranto.

Eram estes os tempos d'outr'ora; eram os tempos do *obscurantismo* e do *retrocesso*. Promettimos analysar, embora rapida e fracamente, o tempo do liberalismo, da luz e do progresso.

BARBOSA GAMA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 211)

CCXLI

P. João Paulo Oliva

O JORNAL protestante, *Revista de Oxford e de Cambridge*, 1845, escreve o seguinte:

«Os geraes e os principaes membros da Companhia de Jesus tem sido sempre e são ainda, homens de um grande caracter, prudentes, mas com mais resolução do que se encontra nas gentes do mundo.

Sob a direcção d'estes admiraveis guias, e combatendo sem descanço pe-

la causa da virtude, da pureza, da ordem civil e religiosa, marcha o grande exercito dos jesuitas, grande não pelo numero mas pelas obras, e composto de prégadores eloquentes, de missionarios a quem os mais rudes trabalhos não fazem perder a urbanidade do maneiras, de homens de letras de gosto seguro e de imaginação viva, de sabios com a paixão do estudo sem a monomania, de homens vivendo no mundo sem ser mundanos.»

Esta apreciação dos sabios protestantes, que é insuspeita, é justissima, e é conforme ao que affirmam todos os escriptores de senso; todos unanimemente dizem que a Companhia de Jesus tem sido, e é, um exercito de valorosos combatentes pela fé e pela moral, de sabios e de varões piedosos.

Vamos agora apresentar um dos admiraveis guias d'este exercito aguerrido: E' o P. João Paulo Oliva, preposito geral da Ordem de Santo Ignacio, nascido em Genova, em 1600.

Era descendente d'uma familia nobre, mas, para fugir ás honras do mundo, pois que dous dos seus ascendentes tinham sido Doges da Republica, Oliva entrou na Companhia de Jesus, onde em breve se tornou saliente por sua sciencia e virtude.

Foi mestre de novigos por espaço de dez annos e reitor do Collegio germanico. Teve grande reputação como theologo, muito habil e versado no conhecimento de negocios, e sobre tudo como orador sagrado. Prégou em Roma no Sacro Palacio e nas principaes cidades de Italia. O celebre Luiz Antonio Muratori propõe-n'o como modelo dos prégadores do seu tempo.

Foi muito estimado dos Papas Innocencio X a quem assistiu na morte, Alexandre VII, Clemente IX e Clemente X.

Por morte do Geral Goswino Nickel em 1664, foi João Paulo Oliva eleito para o seu lugar que já exercia com o nome de vigario geral, com futura successão e poder de governar, desde 7 de junho de 1661. Oliva foi o 11.º Geral da Companhia. Era homem de rara piedade, d'uma habilidade consummada.

Pela sua correspondencia com os reis e principes d'aquella epocha, viu-se envolvido em todos os acontecimentos mais notaveis, porque todos o consultavam como um oraculo. As suas cartas são dirigidas aos imperadores de Allemanha, aos reis de França, Hespanha e Polonia, ás rainhas e aos duques de Saboya, Baviera, Mantua, Modena, Toscana, Brunswick e ao landgrave de Hesse. Elle trata com superioridade os pontos mais delicados da historia contemporanea.

Seus sermões são monumentos da

sua eloquencia. Tambem escreveu commentarios á Escripura Sagrada.

Falleceu este grande homem a 26 de novembro de 1681.

CCXLII

P. Jeronymo Baruffaldi

Ainda que pouco tempo vivesse na Companhia de Jesus, porque não tardou a ser supprimida, o P. Jeronymo Baruffaldi occupa um lugar distincto no instituto de Santo Ignacio pela sua vasta litteratura, extrema prudencia e zelo religioso.

Nasceu em Ferrara (Italia), no anno de 1740. Abraçando ainda joven a regra da Companhia, mostrou-se sempre cheio do espirito do seu santo fundador, perfeito observante das suas constituições. Por algum tempo ensinou rhetorica em Parma e Brescia.

Estava n'esta ultima cidade quando em 1773 foi extinta a Companhia, e então Baruffaldi regressou á sua patria, sendo nomeado bibliothecario, secretario perpetuo da academia de Ferrara e inspector dos estudos.

Como parenthesis, notaremos que todos ou quasi todos os jesuitas que existiam no tempo da sua extincção, e que eram conhecidos por seu merito scientifico, foram empregados nas academias e universidades, chamados pelos Bispos em auxilio do seu officio pastoral, e até alguns estimados e consultados pelo mesmo Pontifice que publicou o Breve de extincção. E' um facto bastante significativo do bom nome de que gosavam os jesuitas, apesar das calumnias dos seus inimigos.

O P. Jeronymo Baruffaldi falleceu em 1817, deixando varias obras bibliographicas.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

A indisciplina social e a necessidade de restabelece-la

TAL a indisciplina em todas as classes sociaes que são poucos todos os esforços para restaural-a. Diga-se em abono da verdade, que o actual governo alguma coisa tem feito e alguns serviços tem prestado n'este sentido, pelo que bem merecidos são quaesquer louvores que lhe sejam tributados. A serenidade e firmeza com que se defrontou com o proceder arrogante e pouco decente das associações commercial e outras de Lisboa, dissolvendo-as

e mandando-as aprender as regras do bem viver, foi um alto serviço de moralidade prestado á sociedade portugueza: a moderação e firmeza com que tem feito metter a viola no sacco á imprensa jacobina e malcreada, é egualmente um importante serviço feito á estabilidade e harmonia social, ao mesmo tempo que enfreia as más paixões d'esses desafortados maldizentes e demolidores inconscientes e estouvados, a muitos dos quaes é necessario desculpar, porque não sabem o que fazem.

Sem disciplina, sem respeito pelo principio da auctoridade não ha paz e ordem publica, e onde faltam estas duas bases fundamentaes não ha prosperidade e bem estar social.

São estas as naturaes e legítimas consequencias que dimanam da lei eterna do Decalogo, que é a pedra angular do edificio social.

Nós somos dos que não admittimos abusos do poder, e ainda menos resistencia aos mandados legitimos da auctoridade.

E' preciso que, custe o que custar, os governos acabem por uma vez com esses obstaculos que tendem a restringir o prestigio da auctoridade. Nada de contemplanções com estes agentes do mal, sejam elles quem quer que forem. Diante da magestade da lei não ha potentado que se imponha.

Ha homens muito cordatos e muito sérios na sua vida privada, emquanto que, quando se trata de negocios politicos, são desafortados, insolentes, atrevidos e pouco sérios, chegando, em muitos casos, a fazer gala da sua pouca seriedade e da sua insolencia.

Esta desigualdade de procedimento explica-se pela paixão partidaria que é sempre má conselheira; o governo que deve pairar n'uma região superior a estas mesquinhas paixões, tem rigorosa obrigação de fazer reprimir com toda a presteza todos esses excessos, partam elles d'onde partirem, e custe o que custar. Manter a Paz e a Ordem, são as obrigações primordiales do governo do Estado; por isso o governo que tenha a nitida comprehensão do seu dever, não pôde deixar d'attender com a repressão prompta e efficaz a qualquer attentado d'esta ordem, não tanto pelo mal actual, mas para prevenir os males futuros; por que os maus exemplos são sempre muito contagiosos. Em geral, nos paizes trabados pelo erro da revolução reina o antagonismo e o vicio, por isso os laços da confraternidade humana acham-se bastantemente relaxados para dar logar a rixas e desordens por questões de lana caprina, e a proposito de tudo. Se a auctoridade não estiver prevenida para atacar e atalhar o incendio no seu principio, corre o risco de se atear

e tomar proporções assustadoras, vista a porção de combustível que as más paixões e a falta de moralidade teem acarretado sobre a sociedade.

Ha dois meios para prevenir a grande conflagração que ameaça todas as sociedades da raça latina, pelos erros accumulados pela revolução: um, e o mais suave, e quiçá mais proveitoso, é a moralisação da sociedade por meio d'uma educação esmerada e saturada dos principios religiosos, da fé e do temor de Deus; por intermedio da auctoridade do Pai, pela influencia d'um clero virtuoso e illustrado, e pelo Mestre inspirado na fé catholica. O segundo mais violento, mas em certos casos o unico efficaz, pela repressão da força publica ou pela acção civilisadora do poder judicial. Em todo o caso não deve o Estado estar desprevenido contra os attentados que os maus instinctos revolucionarios poderão provocar. Onde appareça a hydra é dar-lhe para a frente. Bem haja o actual governo que n'esta parte tem cumprido com o seu dever.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

Decadencia moral

ATÉ quando, ó paes de familia, permanecerdes vós n'esse infamante e criminoso marasmo... que promette alagar até aos alicerces o grande edificio moral que em todos os tempos tem sustentado as sociedades, e sem o qual é impossivel a sua existencia?..

Tudo vae agua abaixo; mas, sobretudo, o sentimento moral... tem decahido d'um modo assustador! Se não, veja-se:

D'antes dizia-se: Fulano é pobre; mas deve-me um bom conceito, porque é um homem honrado; porém, modernamente, é muito vulgar ouvir-se ao commum dos homens: Fulano é um refinado tratante, mas é digno de consideração, porque tem uma boa casa! Ou então: Fulano é velhaco; mas cá a mim... tem-me sempre tratado bem, e portanto não deixarei de ser... seu amigo, etc., etc., o que não é muito bem entendido, porque o velhaco reconhecido... devia ser malquisto de todo o homem de bem.

Eis aqui, senhores, uma pequena amostra da moral hodierna: vale quem tem: e por aqui se pôde avaliar o resto, porque tudo o mais assim vae. E é certo que os maiores males da epoca são devidos á lascivia, ao luxo e á vaidade, como é facil de ver.

Pondo de parte a primeira, uma das principaes raizes do mal, vemos que o luxo e a vaidade... dão cabo de tudo,

porque tudo quer parecer o que não é: visto que só vale quem tem, tudo quer apparentar: Os filhos dos varredores municipaes querem trajar como os dos altos funcionarios publicos, e os do pobre jornaleiro como os do rico lavrador.

E d'este mal, ó paes, vos advem uma immensidade d'elles, porque quem quer parecer o que não é, se a educação religiosa o não modera, lança mão d'aquelle infernal preceito que o principe das trevas um dia suggeriu a Machiavel: «Todos os meios são justos para chegar-se a um fim», maxima que, infelizmente, hoje é seguida por muita gente *boa*... em tudo!

D'aqui vem o latrocínio, o assassinato, o jogo, o rapto, o infanticidio, a bastardia, a raza prostituição que por toda a parte se vê... até já na puericia, assim como muitos outros males que todos reconhecem, mas que poucos tratam de obstar, porque não sabem d'onde vêm, dizem elles de mãos cruzadas ao peito, sem ao menos se lembrarem de que por milagre palnar as não trazem pelo chão.

E tendes razão, ó paes! Não vos é facil saberdes a causa das vossas desgraças, das vossas vergonhas e das vossas desventuras... na dissolução e libertinagem de vossos filhos, quando dizeis a suas irmãs,—até vós, ó homens de letras,—que não gostaes de as ver fugir para a igreja, se é que terminantemente lhes não prohibis a entrada na Barca de Pedro!

E' aonde pôde chegar a demencia d'um pae! Não gostaes que ellas vos fujam para a igreja! Mas ficades então mais satisfeitos e mais honrados... quando vos fogem para os bordos publicos ou para as florestas da mythologia... aonde,

Pouco o pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir... dos galgos alcançando?..

Loucos! Pois não sabeis que o espirito humano precisa d'alguma coisa para alimentar-se, para viver? Não sabeis que vossas filhas carecem d'uma alimentação distractiva... boa ou má? Negaes-lhe a espirital, buscam a material.

E não podeis então atinar com a causa das vossas desgraças particulares que, generalisadas por toda a parte, constituem o deploravel estado deleterio das sociedades em geral?..

Eu vol-o digo em duas palavras: A causa de todos os vossos males e desgostos... passados, presentes e futuros... provém da bruta descrença em que vossos paes vos deixaram crescer, assim como d'aquelle em que vós ides deixando ou deixastes crescer vossos filhos; porque o homem sem Deus... é peor do que uma fera, é um animal

desprezível, o que não demonstramos até à evidência porque, quem não é cego bem vê.

Não educastes ou não educaes vossos filhos no temor de Deus, e queixaes-vos da sua desobediência, dos seus disturbios e do seu desamor paternal?... Tem graça! Não sabeis quantos desgostos destes a vossos paes?

«Filho és e pae serás,
«Como fazes acharás.»

Que quer dizer um pae deixar fazer a seus filhos tudo quanto lhes lembra? Quer dizer que taes filhos não teem paes, e que taes paes não teem filhos. Quantos e quantos d'estes filhos, brutalizados pela má educação dos paes, dos avós que já assim eram, e bisavós que já assim foram, não anseiam pela prematura morte dos auctores de seus dias? E pode haver maior desgosto para um pae que d'isto vive convencido?... Não, de certo; mas é a justa punição de Deus aos olhos dos homens!

Na boa ou má educação está tudo: isto é, o bem ou o mal; porque os meninos d'hoje são os homens d'amanhã.

O homem, na generalidade, está completamente desnorreado. Quer, mas não sabe o quê: está doido! Tudo lhe serve, mas nada o satisfaz; e nada o satisfaz, porque não busca a grande Arvore da salvação eterna!

E a mulher? Bom é que tambem digamos alguma coisa especialmente sobre aquella que, n'estes ultimos tempos, tanto se tem deixado desconsiderar, quando aliás podia ser considerada e respeitada como o anjo tutelar da familia.

Não haverá nada que levante esta preciosidade d'outr'ora á altura da grandiosa missão que lhe compete desempenhar na sociedade em geral, e na familia em particular? Senão... adeus familia, adeus lar!

A mulher tem decabido muito ha 20 ou trinta annos para cá, e decae todos os dias. Ao ver-se uma creança de 10 ou 12 annos de idade, tão amavel como sympathica, com um sorriso nos labios que, á primeira vista, nos parece innocente... quem poderá imaginar que, uma e outra vez, já tem diante de si uma pequena Messalina?! E comtudo é isto uma triste e deploravel verdade!

Que bella dona de casa d'aqui não deve sahir! E, sobretudo, que boa mãe, se chegar a ter filhos! Mas a culpa não vem só d'ellas: a maior culpa provem dos paes... que, em vez de as opprimirem, até ás vezes, ó torpeza, lhe facultam a soltura, — quando as não entregam, — assim como do homem que tão cedo arrasta á perdição... para em seguida abandonal-as!

Uma creança, sem practica do mundo,

e ás vezes sem protecção de ninguem despresada pelo seu primeiro seductor, cujo sentir está muito abaixo do do cão, como poderiamos provar até ao fim, se isso não fosse tão obvio, imagine-se o que será d'ella!

A mulher decae, é verdade; mas decae porque o homem, sempre torpe e sempre altivo, a faz decair; decae porque o homem está feito um selvagem... sem sentimento moral de raça alguma! Decae porque o homem, brutalizado, lhe arranca algum principio ou resto de creença que possui... para a pôr a seu talante! E não vê este desvairado que suas filhas amanhã seguem o exemplo do pae? E não vê este miseravel corruptor de tudo... que de praça em praça anda espalhando uma devassidão puramente canina, que arrasta a pobre mulher aos abysmos de Sodoma e Gomorrha, ou ás dissoluções da antiga Roma?...

Vê, vê... e mais que vê; mas gosta d'ella assim para em acto continuo a abandonar... por devassa! Maldicto!

Por este andar, d'aqui a cem annos, ou talvez antes, se entretanto não houver alguma coisa que impeça a desenfreada immoralidade, o que só poderá conseguir a catechese em fórma, ou uma guerra d'exterminio contra os brutos abusos da lascivia, os denses mythologicos terão resurgido todos, e as florestas do paganismo serão o seu incanto!

Mas longe, longe de nós o sangue! A' catechese, catholicos de boa vontade!

Se o clero com as auctoridades constituidas... de mãos dadas com moralistas de tão profundo conhecimento como os snrs. Dr. J. Rodrigues Cosgaya, D. Antonio d'Almeida, Placido de Vasconcellos Maya, e quejandos, se botassem á obra, não seria difficil a empreza. «A Devoção do Velho» ali está no n.º 12: é um portento de moral e verdade que se lê d'um folego, porque fala ao coração. Honra á penna que taes palavras escreve!

Um jornal em cada concelho com tres pennas d'estas, e a moral resurgirá limpida e bella... em menos de seis annos!

Eia, pois, illustres escriptores catholicos, ávante! Ávante para o bem e pelo bem! Por Deus e pela patria! Pela justiça e pelo direito! Pela familia e pela moral... ávante!

Figueiró dos Vinhos.

ALVES D'ALMEIDA.

Africa!

COMO se a Africa, em vez de ser uma parte do mundo, fóra ella todo o mundo, é certo que as maiores potencias da Europa com a Belgica têm os olhos fitos na Libia Ardente; e cá em Portugal está aguçado o appetite para pedir ao governo concessões de terrenos nas regiões afro-portuguezas, que são concedidas com pouco ou nenhum criterio e sempre os mais ou menos syndicatos de antipathica insinuação.

Até ha annos a Africa central e a Africa marginal em centenaes de leguas eram tidas no consenso dos governos da Europa como portuguezas ou dependentes por mais ou por menos de Portugal; do norte e do centro da Europa sabiam certos exploradores com destino á Africa, mas passando por Lisboa para que o governo assente n'esta cidade lhes desse recommendações que servissem seus projectos exploratorios a principiar por Livingstone. Depois dos mencionados exploradores e dos estados d'estes no extenso sólo africano, levados ao conhecimento dos governos das nações a quo pertenciam aquelles viajantes, que algumas vezes não deixavam de se insinuar com a qualidade missionaria ou lhes era dada por outros sem missão; depois de tudo isto e conhecidas as riquezas com que Deus dotou a Africa, eis que diferentes governos da Europa quizeram ter Africa, que em notabilissima extensão era considerada, depois de certa epoca, por aquelles governos *nullius* e isto pelo gravissimo peccaminoso desamparo, em que por muitos annos o governo de Lisboa deixou a Africa sem lhe promover as verdadeiras missões, mandando-lhe empregados, quantas e quantas vezes cuidadosos só de si, e degredados em espição de crimes; tal incuria bradou ao céu, e Deus puniu aquelle gravissimo peccaminoso desamparo, e a punição foi o abatimento da grande importancia de Portugal na Africa como foi provado na conferencia diplomatica de Berlim e suas consequencias e basta apontar a formação do Estado congolense em união pessoal com o soberano da Belgica, que não exercia soberania nem sequer n'um palmo de terra africana. Portugal poderia ainda alevantarse grande na Africa se o governo de Lisboa se decidisse a promover rasgadamente as missões na Africa portugueza, sendo para isto indispensaveis os conventos missionarios, fazendo n'este sentido aquillo que pratica o governo hollandez, a respeito das colonias hollandezas, que são especialmente ou mais missionadas pelos venerandos membros da Companhia de Jesus, sim os Jesui-

tas; e aquelle governo é protestante, mas tem o merito de ter em desprezo todas as calumnias, todas as mentiras, ditas e escriptas contra os conventos e contra os Jesuitas.

Ha desgraçadamente uns certos homens para os quaes os interesses das almas é quantidade negligivel, e foi e é por esta reprehensivel negligencia que milhões de almas na Africa portugueza têm sido deixadas ao abandono pelo satânico odio contra os conventos, d'este modo provocada a ira Divina!

Ultimamente alguma cousa tem sido feita em favor do bem espirital dos africanos sujeitos a Portugal, porém muito mais ha que fazer e nunca será feito enquanto não houver conventos em Portugal para a Africa e na Africa portugueza; aliás elementos tambem para que Portugal continue a ser Portugal!

Os conventos na Luso-Africa serão os marcos mais fortes para attestação de que os respectivos territorios são de Portugal ou se acham debaixo do protectorado portuguez e de tal modo evitado aquelle argumento feito na conferencia diplomatica de Berlim, dizendosse: «Portugal reclama o que se encontrou e encontra abandonado!»

Agora esfarrapa-se o solo afro-portuguez pelas concessões de terrenos não serias e indicativas á evidencia de que não ha em Lisboa um plano do Estado a respeito da Africa sob o dominio de Portugal; relativamente áquellas concessões alguém escreveu como segue: «Sabe-se, sente-se, conheço-se que urge cauterisar fundo, a fim de que não se alastrem e desfibrem todos os tecidos e chagas que lavram nas nossas deploraveis concessões africanas.»

Isto foi escripto com siso.

As cousas publicas de Portugal vão correndo como roupa da qual tomam parte os audaciosos mais ou menos á socapa ou á traição; falta a consciencia e até falta a seriedade humana; e porque a justiça tem sido offendida e não lhe é feita a devida reparação, vê-se que Portugal como estado está debaixo da *Poená peccati!*

Os peccados de Estado são punidos por Deus n'este mundo!

Ha quem faça carga a nossos antepassados por não terem estes restringido á Africa sua grande diligencia!

E' facil julgar *post factum*, e ainda d'este modo fallivel.

Nossos antepassados tiveram um *agere* mais grandemente concebido: Propagação da fé catholica e extenção do nome portuguez; o modernismo só aprecia o material e o util temporal, chegando hoje ao ponto de apresentar uma geral degeneração dos corações e das mentes na sociedade, cheia de enfeites, porém com *deficit* tremebundo de verdadeiro valor!

Os grandes territorios africanos formam um mui extenso continente, embora o canal de Suez, contendo varia incalculavel riqueza e Portugal, que tinha as condições para ser o primeiro a tirar d'aquella enorme riqueza o proveito, vae nas circumstancias de ser o ultimo ou de todo excluido por um suicidio governmental, não obstante esta ou aquella expedição de soldados obediétes, mas incapazes de primar sobre os missionarios de Deus!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR
MONSIEUR RICARD, PRELADO DOMESTICO
DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado de pag. 212)

XI

O senhor de Paris—Phisionomia da secretaria das verificações em Lourdes, segundo Zola—A verdade restabelecida pelo dr. Boissarie.

MULGAVA ter terminado, senhor, com a minha ante-penultima carta, e estava satisfeito por ter encontrado uma bella expressão para o fim, como tantas outras que escapam a v. ex.^a, não menos boas, na sua conversa com o dr. Boissarie, sobre a cura de Clementina Trouvé—a Sophia de v. ex.^a.

Fizeram-me notar que a descripção de v. ex.^a dos processos de exame medico empregados em Lourdes, merece um pouco mais de attenção.

Seja, e reudo-me de mais boa vontade ainda porque o «senhor de Paris» é v. ex.^a, não é assim?

A narrativa de v. ex.^a parecerá pouco amavel para o bom e obsequioso doutor que o acolheu com tanta benevolencia e sinceridade. Não importa: os medicos estão habituados a um pouco de rudeza. E v. ex.^a não poderia levar a mal que a sua narração soffresse o competente exame.

Ainda bem que o dr. Boissarie publicou a narração das entrevistas de v. ex.^a Visto que os leitores d'estas cartas conhecem agora a narração de v. ex., será justo que eu lhes faça ler a do doutor.

«O sr. Zola veio duas vezes ao escriptorio dos medicos de Lourdes. (Dr. Boissarie, *ob. cit.*, pag. 489 e 494.)

«A primeira vez, sabbado 20 de agosto de 1892, havia então quinze ou vinte medicos que estudavam as curas que acabavam de operar-se. No meio de nós encontrava-se um membro cor-

respondente da Academia, alguns antigos internos dos hospitaes de Paris, medicos das nossas grandes cidades e das nossas principaes estações de thermas, representantes das Faculdades estrangeiras.

«A primeira doente interrogada foi Clementina Trouvé. Clementina tinha sido curada no anno precedente em igual data. Estava affectada havia tres annos d'uma carie dos ossos do calcânhar, com fistulas numerosas; o medico assistente declarava no certificado que esta doença só era curavel por meio de uma operação radical ou d'um tratamento muito longo.

«Vindo esta menina a Lourdes, com o pé envolvido em pannos e fios de linho, para estancar a suppuração que corria abundantemente, tinha deixado as ligaduras na piseina; e, saindo da agua, todo o vestigio das chagas e das fistulas havia desapparecido; o calcânhar inchado e deformado tinha voltado ao seu estado natural, e caminhava sem apoio, sem dôr.

«—Mas é o milagre que me mostram, nos diz o sr. Zola.

«—Devemos reconhecer,—lhe disse eu, que este facto está fóra de toda a explicação racional e scientifica.

«—Sinto, ajuntou elle, não ter em volta de mim professores de Paris.

«—Com v. ex.^a o sentimos tambem nós; a porta da nossa clinica está aberta a todos e appellamos para todas as vontades. *Queremos a mais livre e a mais completa discussão.*

«Comtudo no facto actual, todos podem verificar se uma chaga existe ou se está cicatrizada; não é preciso ser medico, basta olhar, ter olhos.

«—O sr. viu a chaga antes da cura?

«—Vi-a o medico; de que poderia valer o meu testemunho? Seria suspeito. O do medico da doente offerece toda a garantia, tanto mais que, na especie, o medico não é um convicto e não acredita absolutamente em curas sobrenaturaes.

«—Mas enfim, eu quizera um inquerito que me não deixasse a menor duvida! Tem outros testemunhos?

«—Esta menina habita em Rouillé, em Vienna, povoação composta em grande parte de protestantes; n'essa povoação toda a gente foi testemunha da doença e da cura; construíram uma Gruta conforme o modelo da de Lourdes. Durante a viagem a Lourdes, as enfermeiras que acompanhavam a doente viram a chaga. Aqui, a directora da sala do hospital que acompanha ainda a menina, pôde dizer-lhe como ella tinha o pé; enfim as duas senhoras encarregadas das piscinas nos disseram que as ligaduras e fios haviam ficado no fundo da agua e que a cura se operára á sua vista.

«—Mas eu queria uma investigação official; a photographia da chaga no momento da chegada.

«—A photographia desenha mal, não dá as tintas, não penetra na profundidade dos tecidos. E, demais, eu pergunto a mim mesmo que melhor garantia nos dariam a faixa do commissario ou o chapen da policia?

«—Mas esse facto é antigo; já agora não podemos começar novamente essa informação; ou quereria um facto recente.

«—Terei immenso prazer em lh'o mostrar, se elle se der.

«A segunda doente era uma tísica, Maria Lebranchu, rua Championnet, 172, Paris. Tratada durante muito tempo no hospital nacional, saia ultimamente do hospital franco-ueerlandez.

«O medico, o dr. Marquezy, certificou no seu attestado que ella estava affectada de tuberculose pulmonar com amolecimento e cavernas; no hospital já tinham encontrado na sua expectoração bacillo de Koch.

«Estava de cama havia já mezes, tinha perdido 48 libras de peso, enchia cada dia uma escarradeira e tossia constantemente. E apoz a primeira immersão, veio fazer-nos verificar a sua cura. A mais minuciosa auscultação, feita pelos medicos presentes na secretaria, não permite encontrar-se nem sopro nem estertores; não tem tosse, nem escarra. Modificação instantanea e completa se havia operado no estado dos seus pulmões.

«—Acho a vista d'esta mulher muito brilhante, disse Zola.

«—Não é de admirar, lhe disse eu, que a sua alegria venha reflectir-se-lhe no rosto; se nós tivéssemos mergulhado já moribundos na piscina, e se d'ella saíssemos curados, a custo poderíamos conter a nossa commoção.

«—Não creio absolutamente na demonstração dos milagres pelas doenças internas. No interior não se vê claro e os proprios medicos enganam-se muitas vezes.

«O snr Zola impõe-nos então a sua crenga na medicina, que é das mais limitadas, e nós não temos n'elle um adepto convicto.

«—Mas nem tudo é conjectural na nossa arte, obtemperei eu; a cura de uma doença de peito pode ser demonstrada quasi com a mesma evidencia como a cura d'uma chaga. Quando o pulmão apresenta todos os signaes de uma caverna, quando se vê um doente com os olhos cavos, a voz extincta e essa phisionomia tão caracteristica dos ultimos periodos, não é preciso ser medico: o primeiro que o observa lê-lhe na phisionomia o nome da molestia. De resto, essa mulher mora em Paris, v. ex.^a pode tornar a vel-a, fazel-a aus-

cultar de novo e pedir informações nos hospitaes em que ella foi tratada.

«—Mas não preciso de tantos factos, nos disse o snr. Zola, um só me basta. A cura instantanea d'uma arranhadura pode ter a mesma força de demonstração que a d'uma chaga profunda.

«—Não são os senhores aqui todos convictos? nos diz ainda o snr. Zola.

«—Longe d'isso; o maior numero dos nossos confrades estão aqui sem convicção definida; querem vêr e reservam para depois a sua adhesão. Posso nomear-lhe alguns medicos que são refractarios a toda a ideia de sobrenatural e de milagre.

«O snr. Zola veio ainda visitar-nos uma outra vez em que eu estava quasi só. Fallou novamente no facto de Clementina Trouvé que o preoccupa particularmente.

«—Conhece o seu medico?

«—Pessoalmente não, mas sei que não é um convicto. São d'elle estas palavras: *Seja o diabo ou o bom Deus que tenha curado esta menina, para mim é indifferente; mas a verdade é que está curada.*

«—Desejava que as investigações fossem mais completas.

«—Em Paris, lhe disse eu, temos uma commissão de quinze medicos, presidida por um medico dos hospitaes que examina todos os doentes antes da sua partida e lhes dá certificados minuciosos; os processos que nos chegam a Lourdes são muito completos; desejava que todos os nossos professores aqui viessem para ver como nós procedemos.

«—Não virão, nos disse o snr. Zola; o seu passado, os seus escriptos, a sua situação, tudo os afasta d'aqui e afastará ainda por mais tempo.

«Reconhece no entanto que nós procedemos com inteira sinceridade, e que se não pode pôr em duvida a nossa boa fé.

«—Admitto-o, nos disse, mas quereria mais precauções. Emfim, acrescentou o snr. Zola, v. ex.^a diz na sua *Historia de Lourdes* que tinha empregado quatro annos para vêr o milagre; dê me oito dias.

«—Concedo-lhe quinze, se quizer.

«—Estou muito cansado, nos disse o snr. Zola. Todo o dia ando das piscinas para as procições, estudo, examino, e de tarde, até uma hora avançada da noite, tenho que coordenar as minhas notas. Deixo-o por agora, mas voltarei ainda. Quero assistir só a uma das investigações de v. ex.^a e poder certificar-me melhor do seu modo de proceder.

O snr. Zola não voltou. (1)

(Continúa)

(1) Para cada uma das curas visadas (ou antes ridicularizadas) no romance do sr. Zola,

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre redução de pensão

AINDA que em boa idade, o Sacerdote A., parcho de *Monteripaldi*, por motivo de grave doença e por conselho dos medicos, resignou a parochia, pedindo á Santa Sé reserva d'uma pensão de 500 libras sobre as rendas da parochia. O Arcebispo, ao recommendar a petição, acrescentou que as ditas rendas ascendiam a 2:080 libras, deduzidos os encargos, sem contar os emolumentos incertos. Em vista d'esta petição e informe, Sua Santidade concedeu a pensão.

Tomando conta da parochia, o Sacerdote B. pagou alguns annos a pensão; mas depois, julgando-se prejudicado, pediu em 1882 que se reduzisse a pensão, porque o pensionista já estava melhor da sua enfermidade, e, além d'isso, tinha começado a receber emolumentos de certo cargo que desempenhava.

Convidado o Arcebispo a dar informações, disse que a quantia de 2:000 libras em que se tinha calculado a renda da parochia, era excessiva, pelo que era de parecer que se accedesse á petição feita por B., principalmente porque A. desempenhava um cargo n'um convento d'aquella diocese. Em vista do exposto, foi concedida por Sua Santidade a graça de que se podesse em plena Congregação discutir o Rescripto de 27 de maio de 1878 outorgando a pensão.

Allegadas completamente as razões em pró do presbytero A. e do parcho B., propozeram-se á Sag. Cong. do Conc. as duas perguntas seguintes:

1.^a Se ha motivo para o recurso *appellationis oris*.

2.^a Se deve reduzir-se, e como, a pensão.

A Sag. Cong. dignou-se responder em 9 d'agosto de 1884:

Ao primeiro negativamente; ao segundo affirmativamente, prevalecendo

seria preciso fazer annotações analogas. Assim, como fazia notar o dr. Boissarie no nosso amavel compatriota, Elzéar Reugier, sob o nome supposto de Elzar Rouquet, é a historia do Mart. Lemarchand que elle conta. Foi curada de um lupus suppurante que lhe cobria toda a face direita, os labios, e uma parte da mucosa bucal. E' verdade que ao sahir do banho, a pelle de Maria Lemarchand estava vermelha e luzente e que a sua epiderme de nova forma accusava uma cicatriz reconto. O snr. Zola, que estava presente, toria desejado a desaparição total de todo o vestigio humano. Uma cicatriz não sómente não destróe a instantaneidade da cura, mas pelo contrario permanece como uma prova material e indiscutivel d'ella.

a pensão com relação ao importe das rendas que na realidade perceba o parochio.

DEDUÇÕES

Primeira. As pensões quanto ás parochias, segundo o santo Concilio de Trento, só podem conceder-se até á quantidade que sobre, deduzida a renda de cem escudos para o parochio.

Segunda. Segundo os canonistas, não se reputa justa a pensão que exceda a terça parte das rendas.

Tercera. No caso presente, a pensão de 500 libras excedeu o dito limite, pelo que pareceu justo aos Padres da Congregação reduzi-la d'um modo proporcionado ás rendas que realmente percebia o parochio, segundo a taxaçoão feita por um perito sob juramento.

SECÇÃO LITTERARIA

Judith

A' frente de cento quarenta e dois mil
Soldados diversos caminha Holoophornes:
Bethulia, que sentes? Oh não te consternes,
Que a bella viuva... mais pôde que o vil...

Cortou-to o maligno das aguas os canos,
E á sede peroces! Que horror, que maldade!
Porém Deus costuma mostrar a verdade
Da sua justiça, punindo os tyrannos!

Por entre as phalanges das tropas solvagens
A joven viuva segura caminha:
Conversa com todos, despede-se azinha,
Mas faz a miúdo... ligelras paragens:

E phenix risonha lho faz perceber
Que traz a victoria do campo no peito;
E, tendo já tudo disposto a seu goito,
Diz q'rer a seu chefe segredos dizer ..

Gentil, seductora, mimosa beldade,
Já falla ao tyranno que extatico a escuta;
E falla tão simples, porém tão astuta,
Que o pobre Holoophornes vê n'ella a verdade:

Deixando Bethulia por varios motivos,
A esportiva viuva se diz venturosa...
Que aquelles deixára veloz unariposa,
Que em breve veria mesquinhos captivos.

E o chefe a julgára do céu enviada,
Agoite dos d'ella, do campo a victoria;
E, exalto, a princeza convida da historia
A lauto banquete que a faz memorada.

E a nossa heroína sem duvida accelta,
Fazendo que o nectar exulte o guerreiro;
E a graça lho fulge no rosto lagueiro
Ao ver que Holoophornes de nada suspeita.

E' findo o convívio: san tudo da sala,
Ficando o guerreiro contente deveras:
E a bella o conforta, fingindo chimoras
De amores licitios .. quo rindo não cala:

E o triste, embebido, no leito cahira,
Dormindo em seguida feliz, venturoso!
Seu peito arquejante, sorri carinhoso,
Sua alma tranquilla, vaid sa delira!

E a maga viuva... com rara coragem
Penetra n'alcôva do chefe da tropa,
Do qual a catana depara que ensopa
No sangue dormonte da bollea imagem!

Que affectos, que aff gos! Não só não tremora,
Mas nem se lembrara do p'riço em que estava:
Tal era a cegueira que então a cegava,
Que tudo esquecendo... de si se esquecerá!

E rindo rotira por entre as fileiras,
A todos fallando que allí lhe fallavam...
Emquanto os soldados victoria cantavam,
E em honra da deusa... faziam foguoiras!

E phenix astuta fagu-ira chegara
A' terra querida que porto ficava;
E ovante heroína seu feito narrava
Ao povo dictoso que alogro a escutara.

Divinos louvores em grita soaram
Dizendo-a bondita, que a guerra morrera!
E a joven viuva jámais esquecerá,
Que os povos na historia seu nome gravaram!

A Escripta sagrada não louva nem pasma
O raro desgarró da bella judia;
Mas uma cidade... captiva tremia
Ao vér frente a frente da morte o phantasma.

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A verdadeira Lourdes

ASSIM chamo eu ao magnifico livro que o sr. dr. Theotónio Vieira de Castro, dignissimo lente do seminario diocesano, acaba de lançar no mercado.

A «*Verdadeira Lourdes*» é um livro á altura dos creditos do seu auctor e ha de necessariamente ser lido com avidéz pelos verdadeiros crentes, que felizmente, para bem da nossa religião, ainda os ha e verdadeiros.

Mr. Zola escreveu um livro, que com certeza o aniquilaria se fosse uma estreia, e admira realmente que um homem aproveitasse tão mal a sua sciencia, porque, digamos francamente, a tem incontestavelmente, admira que um pensador tão potente sacrificasse a sua reputação e os seus creditos lançando ao mercado um livro que o envergonha, e perante a gente christã e sensata o aniquila.

Que o individuo labore em erro, que esteja persuadido de falsas doutrinas e de suppostas verdades, admitte-o a contingencia e a fragilidade do finito, mas que não contente com o sentir e pensar, o queira propagar e fazer valer é, além de vergonha, uma falta irreprehensivel, falta que a sociedade pune com o desprezo, riscando da sua bibliotheca tão rica esse volume vergonhoso, onde o auctor, quem sabe! talvez não exprima o que sente, mas o que convém ao seu espirito revolucionario e egoista.

Fazia mal, concordo, que a propaganda da fé se fôsse desenvolvendo tanto, e que as sãs verdades assim progressissem.

Fazia mal, concordo, que o povo se fosse compenetrando pouco e pouco da falsidade d'essas erroneas doutrinas, e que d'um grito unisono protestasse energicamente contra tanto ludibrio e impiedade.

Não convinha, bem sei, que os milagres fossem apparecendo palpaveis e bem visiveis, e que perante elles fossem destruidos tantos argumentos, falsamente architectados sobre fundamentos tão ridiculos.

Estava-se a vér claramente, convenho, que a propaganda era crescente e que dentro em pouco seria universal a fé.

Esperava-se, não o nego, de momento para momento, que face a face, publicamente, o povo tanto tempo enganado se revoltasse, como emancipando-se d'essa infame tutela de tantos impios.

Aguarda-se uma revolução social, revolução que destruiria por completo tão falsas e vergonhosas doutrinas.

Nada d'isto negamos e somos os primeiros a concordar com tal receio, porque o povo, ainda que inculto, não poderia ficar-se perante verdades tão limpidas, e perante factos tão convincentes.

Foi n'esta hypothese que se imaginou e architectou o vergonhoso livro, que é uma nodosa insolúvel da litteratura franceza, que é o joio de tantos primores litterarios de que até á sua apparição ella se ufanava.

No livro do sr. dr. Theotónio evidencia-se claramente o proposito firme d'essa multidão de famigerados, que ora com argumentações futeis, ora com asserções falsas, mas ainda em contradicções constantes, veem a publico fazer taes affirmativas em nome, dizem elles, da sciencia offendida.

No que a sciencia se offende, meus senhores, é em que, á sua sombra, se queiram destruir verdades evidentes que ella nunca negou.

No que a sciencia se offende é em que tão valentes pugnadores, ainda que



A APRESENTAÇÃO DA SANTÍSSIMA VIRGEM
NO TEMPLO DE JERUSALÉM

valendo se d'ella com asserções falsas, venham fatalmente a cair feridos pela luz vivíssima da verdade que os aniquilará para sempre.

Nô que ella se offende enfim, é que se profanem assim as suas virtudes, os seus sabios principios, que nada teem de commun com tão aleivosas affirmativas ditadas pela impiedade.

Pois o brilhante trabalho do douto e illustradissimo theologo, vem pôr a nú todas essas podridões cancerosas que por ali vegetam infrenes e desmedidas, e proclamar ao mundo com a trombêta da verdade, as erroneas affirmativas de tantos desvairados.

Eis com as impressões com que eu passo, em artigos successivos, a apreciar capitulo por capitulo a obra do sr. dr. Theotônio, impressões estas que nasceram no meu espirito não do antecipado proposito, mas da rigorosa investi-

gação a que me entreguei, para, sem paixões nem interesse, apreciar esse notavel trabalho a que elle chama modestissimamente «ensaio scientifico-historico», e ao qual eu não receio classificar como possante e valioso trabalho de lucida intelligencia.

N'elle encontrei bem clara e evidente a verdade, corroborada por um sem numero de provas e documentos.

E' por isso que não cabe para mim, nos limites d'um artigo, uma conscienciosa apreciação do notavel trabalho, que, com todo o interesse, detidamente acabo de lêr.

Continuarei pois.

FALCÃO DE LIMA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

O Cavalleiro do Sol, principe adepto

(Vid. pag. 221)

O Cavalleiro do Sol, na giria mágica, tem o grau 28.º

Quando uma Officina philosophica do 28.º grau tem uma Irmã Maçona dos graus mais elevados (Sublime Escocoeza) á sua disposição, tambem esta assiste ás sessões de iniciação, completamente nua; toma assento no oriente, junto ao presidente Adão, e representa a Verdade.

A assemblêa, em dia de recepção, não deve constar de mais de doze Irmãos, incluindo n'esse numero o presidente e o Grão Vigilante. Cinco d'en-

re elles representam cinco genios, com os nomes de Zapkiel, Samael, Amael, Mikael e Gabriel; têm todos o titulo de Cherubins. Os cinco restantes, denominados Sylphos, representam outros espiritos. Assim o decidiu o Capitulo universal dos Supremos Conselhos, reunido em Lausania, em 1875.

Todavia n'algumas officinas os Cherubins são sete, e representam então os sete genios que, dizem, foram dados como guias aos sete planetas (*Ritual Sagrado*, pelo L. . Ragon); mas, em tal caso, os Sylphos devem ser sómente tres, visto que os assistentes do sexo masculino não podem ser mais de doze.

A reunião dos Irmãos é ao mesmo tempo ridicula e indecorosa. Apenas vestem uma tenue cobertura de gaze; só o presidente é que traz uma tunica e um manto. Os Sylphos põem sobre o gaze dourado um avental escuro, e um barrete azul na cabeça, apertado por uma fita amarella: são os membros melhor vestidos da assemblêa.

O neophyto, que, para o caso, toma o nome de Hiram, é introduzido com a cabeça coberta por um veu preto, enquanto dois Sylphos, de folle em punho, lhe sopram por traz. Tiram-lhe o veu.

Declara que vem procurar o grande segredo que deve trazer ao mundo o imperio da razão. O presidente Adão responde-lhe por um discurso explicativo dos emblemas da maçonaria, apresentando-lh'os como o veu que encobre uma philosophia grande, pede-lhe que se liberte do jugo da crença que porventura lhe hajam imposto na juventude, e tome o espectáculo da natureza e sua propria intelligencia para normas exclusivas de sua fé.

Ora ali está como a maçonaria não se importa de crenças religiosas: n'este grau, para mostrar que não repudia a religião de Jesus Christo, pede ao neophyto que se liberte do jugo da crença.

E querem estes miseraveis que os tomemos a serio quando affirmam que não odeiam a Deus!

A apresentação da Santissima Virgem no templo de Jerusalem.

Celebra no dia 21 a Egreja a festa da apresentação da Santissima Virgem no templo de Jerusalem, quer dizer, a offerenda publica e solemne que Maria fez a Deus do seu coração, do seu espirito e do seu corpo e de todas as potencias da sua alma.

Ouçamos o Padre João Croiset, no *Anno Christão*:

«Maria na idade de tres annos offe-

rece-se ella mesma, vota-se, consagra-se ao Creator no templo de Jerusalem: houve nunca uma offerenda de tal valor? Deus viu jámais em seu templo uma victima que lhe fosse tão grata? Que multidão d'espiritos celestiaes assistiriam a este acto de religião tão glorioso a Deus, a esta augustaceremonia, a admiração de toda a celeste Jerusalem!

Toda a cõrte celeste vestiu de gala n'este dia feliz; e poderia a Egreja deixar de celebrar n'este mesmo dia a solemne memoria d'esta festividade? Eis o motivo que levou tantos Padres, S. Evodio d'Antiochia, Santo Epiphano de Salamina, S. Gregorio de Nysa, S. Gregorio o Theologo, Santo André de Creta, S. Germano de Constantinopla, S. João Damasceno, e tantos dos Padres latinos, a considerar a apresentação da Virgem no templo como o primeiro acto de religião que ha sido o mais grato a Deus, e a festa d'este dia como o preludio, para assim dizer de todas as festas.

Entre os judeus havia duas especies de apresentação. A primeira era preceituada na lei, que ordenava que a mulher que tivesse dado á luz um menino, o deveria apresentar no templo ao cabo de quarenta dias, se era masculino, e oitenta dias depois, se era femêa, e que offereceria pelo menino um cordeiro com um pombo ou uma rola, ou dois pombos ou duas rolas, se a mãe fosse pobre. Esta cerimonia era chamada propriamente a apresentação da crença; e purificação a respeito da mãe. A outra apresentação era feita por aquelles que se tinham ligado por voto, porque desde o principio da lei de Moysés era um uso religioso entre os hebreus o de consagrarem seus filhos a Deus, quer irrevogavelmente e para sempre, quer reservando-se o poder de os resgatar por presentes feitos ao Senhor, ou por sacrificios. Havia para esse fim em redor do templo de Jerusalem aposentos destinados uns para os homens, outros para as mulheres, alguns para os jovens de um e outro sexo, que ali deviam cumprir o voto que tinham feito, ou seus paes por elles. Seu ministerio era o de servir nas funcões sagradas, e de trabalhar nos arranjos e aceio do templo, cada um consoante sua idade, estado e capacidade. No livro segundo dos Machabeus faz-se menção das Virgens que eram alojadas e educadas no templo; e S. Lucas, falando de Anna a prophetisa, filha de Phannuel, diz que ella não sahia do templo depois que enviuvara.

Santa Anna e S. Joaquim segundo a mais antiga e veneravel tradição, vendo-se no declinar da idade e sem esperanza de ter filhos, fizeram voto a Deus de que se se dignasse dar-lhe

prole, e de assim os livrar da esterilidade (ao tempo infamante) consagrassem esse fructo ao seu serviço no templo. Deus que queria que tudo fosse miraculoso n'aquella que destinou desde toda a eternidade para ser a Mãe do Verbo, ouviu suas preces, concedendo-lhes esta ditosa creatura, que era essa aurora tão desejada, que devia trazer-nos o Sol de justiça, que devia arrancar-nos ás trevas do peccado, em que todo o genero humano estava sepultado. Logo que lhe tiraram o peito, e que attingiu o terceiro anno de sua idade, S. Joaquim e Sant'Anna viram-se obrigados a cumprir o voto, e levaram por isso sua filha ao templo.

Izidoro de Thessalonica diz que a cerimonia da apresentação da Santissima Virgem no templo de Jerusalem se fez com extraordinaria celebridade. Que não só toda a parentela a quizera acompanhar, mas que por uma certa inspiração, cujo mysterio só de Deus é sabido, todas as pessoas gradas de Jerusalem quizeram tomar parte n'esta augusta cerimonia: *Primarios quoque Hierosolymisias viros et mulieres in terfuisse huic deductio; succinentibus universis angelis*; em quanto que os anjos a acompanhavam invisivelmente e celebravam esta festa com seus concertos.

Ignora-se o nome do sacerdote que recebeu esta Virgem incomparavel. S. Germano, patriarcha de Constantinopla, e Jorge, arcebispo de Nicomedia, crêem verosimilmente que fora Zacharias. Uma tal offerenda foi sem duvida acompanhada de um sacrificio, como o foi a de Samuel, mas aquelle, que fez então a Deus esta donzella de tudo o que era, e de tudo o que tinha, foi de um merito bem superior, e de preço bem mais consideravel. As outras donzellas que eram apresentadas em idade tenra, como não tinham ainda uso de razão, não sabiam o que faziam, e só com o tempo é que o vinham a saber; mas aquella, a quem, por um privilegio especial a razão tinha sido adelantada desde o tempo de sua conceição, perfeitamente instruida do Espirito Santo, conhecia a importancia d'esta santa cerimonia; e que cuidados não empregaria ella para a tornar agradavel á divina magestade! Não é difficil imaginar que sentimentos de religião, de respeito, de reconhecimento, e quaes os transportes de amor d'este grande coração, d'esta alma privilegiada, em quem Deus achava todas as suas complacencias desde o primeiro instante de sua immaculada Conceição, e que devia dentro de poucos annos ser a Mãe do Salvador!

RETROSPECTO

Ao Episcopado, ao clero e aos catholicos do paiz

O clero de Lisboa publicou a seguinte mensagem dirigida ao clero e aos catholicos do paiz:

«Se no mundo physico nem um atomo se perde, tambem na historia dos povos todos os successos se registam.

E os acontecimentos, deploraveis por mais d'um motivo, que Lisboa presenciou em 30 de junho ultimo, e que são a vergonha d'um povo e a deshonra d'uma civilisação, ficarão egualmente archivados.

Esses acontecimentos — confessamol-o — não nos doeram sómente pela crueldade; magoaram-nos principalmente pela injustiça. E, todavia, se o esquecimento e o perdão dos offendidos pudesse apagar aquella nodoa e rasgar aquella pagina, nem uma nem outra deixaríamos passar á posteridade.

Nos dias de provação que acabam de transcórre para nós, foram-nos consolação e amparo os protestos que, desde o mais eminente dos Prelados até o mais obscuro dos fieis, recebemos de todos os angulos do paiz; porque ficou eloquentemente demonstrado: que — o Episcopado, o clero e os catholicos de Portugal se abraçavam no mesmo sentimento de confraternidade christã e no mesmo pensamento de solidariedade humana. E perante esta força — porventura a maior do paiz — podem rugir novas tormentas, podem levantar-se todas as injustiças, que nós protestamos fazer-lhes rosto com a constancia da nossa fé, com a serenidade do nosso espirito e com o cumprimento dos deveres contrahidos.

Hoje como hontem, amanhã e sempre, nós não abandonaremos o nosso posto nem deshonraremos a nossa bandeira, por mais descompostas que sejam as arruaças, por mais ferozes que sejam os algozes e por mais sangrentos que sejam os flagícios. Dar-nos-hão tambem coragem para isso o apoio, o prestigio e o exemplo dos nossos venerandos Bispos, a sincera união dos nossos queridos irmãos no sacerdocio e a devotada dedicação dos verdadeiros catholicos.

E a todos e a cada um d'elles e por modo especial ao Eminentissimo e Reverendissimo Snr. Cardeal Patriarcha nos dirigimos nós n'este momento no especialissimo intuito de lhes offerecermos os nossos mais rendidos respeitos e agradecermos com a maxima effusão do nosso coração as significativas e penhorantissimas manifestações com que tanto nos honraram e se honraram.

A affronta feita ás instituições christãs na pessoa d'alguns de seus minis-

tros em Lisboa attingiu toda uma classe. A dôr que nos affligiu, foi, porisso, commum e o protesto unanime: nobilissimo testemunho de solidariedade, exemplo edificantissimo d' affectuosa união!

A hora presente é de tristezas e o futuro da sociedade portugueza muito incerto. Sejam, porém, quaes forem as novas provações que ameacem a Igreja de Deus e a nossa querida patria — nós o juramos — estaremos com todos os venerandos Prelados, com os nossos reverendos collegas e com todos os homens de bem sempre e onde o dever e o patriotismo nos chamarem.

Lisboa, 28 d'outubro de 1895.

(Seguem as assignaturas). *

Prejuizo religioso

Não será possivel acabar-se com os desacatos nas festas religiosas da aldeia?

Muitos nem na igreja entram, e outros só o fazem para motejar, sendo que a festa d'estes só começa depois de terminada a do templo, e consta de dançar, beber, pular, bater, cantar, dizer toda a raça de banalidade alvar e desassada, proferir palavras, ás vezes em grita, que ouvidos castos escutar não podem, etc. etc.

E não é só isto, é que chega a sua audacia e boçal despejo... até a troçar da devoção d'algumas pessoas religiosas de menos importancia social, ás vezes cara a cara, o que é contra todas as leis moraes e civis. E para acabar com estes e outros abusos, bastaria talvez que os respectivos parochos, os regedores e alguém mais importante da localidade, se interessassem de veras pela religião, pela manutenção da ordem, e, finalmente, pela moral publica. Mas alguns reys. parochos... são surdos-mudos e cegos, — permitta se nos a expressão, — os regedores toleram, quando não ajudam, e os principaes locaes... fazem outro tanto.

E comtudo só aos indicados compete acabar com tão prejudiciaes desacatos... pela catechese e pela exprobração moderada.

E a vós, ó paes de familia, a vós tambem compete, e talvez primeiro do que áquelles, por vossos proprios interesses, o reprehenderdes vossos filhos... ensinando-os a amar e respeitar a Deus, para que vos amem e respeitem a vós, o que, sem o temor de Deus, jámais podereis conseguir d'elles, embora vol-o pareça.

Quem não respeita a Deus, não respeita coisa alguma d'este mundo, embora aparente; e aonde não ha respeito... é impossivel a auctoridade; e aonde a auctoridade fallece... surge a anarchia.

Quando entrares na igreja,
Que o respeito em ti se veja.

ALVES D'ALMEIDA.

«O Dogma do Inferno.»

Illustrado por factos tirados da Historia Sagrada e profana, pelo Padre F. X. Schoupe, da Companhia de Jesus, é um livro precioso que o snr. Aloysio Gomes da Silva acaba d'editar. A traducção é revista por um bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra.

Custa, brochado, 120 réis; encadernado, 160 réis

Agradecemos a offerta.

A questão romana e o episcopado belga

O episcopado belga enviou a Sua Santidade uma carta collectiva a proposito das festas de 20 de setembro. Os jornaes belgas publicaram já a resposta do Santo Padre.

N'esta nova carta o Santo Padre Leão XIII agradece as homenagens do episcopado belga e defende mais uma vez as liberdades da Igreja, sustentando os direitos de S. Pedro contra os sophismas dos adversarios do poder temporal dos Papas.

O Santo Padre aproveita tambem a occasião para louvar os esforços dos Prelados belgas para unir os catholicos.

O Papa e o Cardeal Vaughan

O *Times* publica o texto do sermão pronunciado na cathedral de Kensington pelo Cardeal Vaughan.

Servindo-se o Cardeal d'um recente discurso do sr. Crispi examinou severamente o procedimento do governo italiano com o Papado. Mostrou que estavam dissolvidas as Congregações religiosas, banida das Universidades e escolas a Religião, obrigado ao serviço militar o clero, o Papa despojado de seus redditos e reduzido a viver das esmolos do mundo catholice.

Terminou o Cardeal com estas palavras de Pio IX: «Em Roma, o Papa ou ha de ser soberano, ou captivo.»

O catholicismo na Inglaterra

O *Catholic Times* publica as seguintes curiosas noticias sobre o resurgimento da Grã-Bretanha á vida catholica:

«No dia 12 de setembro ultimo realisoou-se n'um dos logares mais historicos e mais veneraveis da Inglaterra uma demonstração memoravel da fé catholica.

Ha mezes, o Santo Padre confirmou solememente o culto, outr'ora prestado a muitos gloriosos martyres que soffreram pela fé no tempo de Henrique VIII; entre esses martyres contam-se Richard Whiting, abbade benedictino de Glastonbury, e dous monges do mesmo convento, John Horne e Roger James. A reunião da Socie-

dade da Verdade Catholica em Bristol e a presença, n'esta cidade, de sumidades catholicas, deram occasião de pagar um tributo nacional de veneração á memoria d'aquelles martyres, e de prestar um brilhante testemunho da vitalidade da verdadeira religião.

Esperava-se que, pela primeira vez depois de tres seculos, as manifestações da piedade catholica poderiam erguer-se de novo no seio das ruinas da magnifica egreja abbacial; mas havia difficuldades insuperaveis, e as ceremonias d'aquelle dia deviam terminar no theatro do martyrio, na collina conhecida sob o nome de Tor de Glastonbury. Feitos os preparativos, um grupo numeroso de peregrinos dirigiu-se a Downside, onde teve a ventura de contemplar um mosteiro moderno em plena actividade, e cheio de monges que pertencem á mesma Ordem e á mesma Congregação que o abade Whiting, a essa celebre Congregação que, reduzida a um só membro nos dias da perseguição, se conservou até nossos dias pela Providencia divina. Chegados de Downside, os peregrinos foram saudados pelo Bispo da diocese, que lhes falou do fim da sua viagem.

Disse-lhes que o objecto da sua peregrinação era pagar, ainda que tarde, um tributo d'honra, ha muito devido á memoria do ultimo abade de Glastonbury, que soffreu o martyrio n'aquella collina, fim das suas piedosas peregrinações. Acrescentou que queria sómente recordar que uma romaria era uma piedosa excursão e não uma viagem qualquer, para a qual se tomam bilhetes por tal e tal preço. Se assim não fôsse, elles seriam objecto dos sarcasmos dos protestantes, pela comparação, que se faria, dos incidentes da sua chamada romaria com as romarias d'outr'ora. Estava certo que todos, antes de emprenderem a romaria, pediriam a Deus que os abençoasse. Se tinham que soffrer com a inclemencia do tempo, se com ou-

tros inconvenientes, deviam acceital-os com o espirito de penitencia que convem a uma romaria. Disse, enfim, que deviam recordar-se de que eram romeiros n'uma terra estranha, n'uma terra que um dia conheceu a sua santa religião, mas que ha muito a renegou e esqueceu.

Quando o Prelado terminou o seu discurso, cantou-se um hymno a S. Bento; depois os visitantes foram conduzidos por membros da comunidade a visitarem o mosteiro e o collegio. Após um *lunch* no refeitório do Collegio, foram todos para a estação de Chilcompton, para ali tomarem o trem da peregrinação e juntarem-se ao grande numero de pessoas que, vindas de Bristol e de Bath, preferiram partir directamente para o seu destino. Ainda que o trem era muito grande, porque trazia quinze ou dezeseis carruagens, foi tal o numero de viajantes, que muitos tiveram que soffrer os rigores das antigas peregrinações, vendo-se na dura necessidade de viajar no *fourgon* das bagagens. Durante a viagem recitaram-se as ladainhas da Santissima Virgem e dos Santos, bem como o *Te-Deum*.

Chegados a Glastonbury, os peregrinos organisaram a procissão para o Tor. Ia adiante a Cruz ladeada dos cerorirafis; em seguida os peregrinos, que percorreram assim as principaes ruas da cidade. Viam-se n'este cortejo os representantes das Ordens religiosas, entre os quaes Padres da Companhia de Jesus, Benedictinos, Dominicanos, Carmelitas, Franciscanos, com os seus habitos religiosos e muitos Sacerdotes seculares. A procissão era presidida pelo Bispo da diocese e por Mons. Graham, Bispo de Cigansus. Pelas ruas enorme concurso de povo, que escutava com profundo respeito a recitação do Rosario e o cantico da «Fé de nossos paes». «Salve, Rainha dos céos!» e o hymno do Sagrado Coração de Jesus. E' impossivel encomiar devida-

mente a recepção feita pelo povo de Glastonbury ás peregrinações. Mais de 12:000 peregrinos iam com bandeiras e emblemas catholicos, recitando as preces da Egreja com a maior devoção, tudo isto para honrar a memoria dos heroes christãos que morreram em defeza d'aquellas mesmas verdades que os catholicos ainda hoje professam.

Chegados os peregrinos á eminencia de Tor, o Bispo repetiu em alta voz a oração do Papa para a união das Igrejas, e os assistentes repetiram-n'a tambem. Foi o momento mais commovente d'este dia. Tres seculos antes, a Egreja de Tor tinha sido devastada, os conventos foram destruidos e uma grande multidão de espectadores se havia reunido n'aquella noute para assistir ao triumpho apparente do mal no martyrio dos servos de Deus. Hoje, uma grande multidão se achava tambem reunida ali, composta de catholicos e protestantes, estes em numero de cinco mil. Os catholicos reuniram-se para honrar os martyres de Deus; os protestantes contemplavam este espectáculo com uma attenção sympathica e respeitosa.

Mais uma vez as Ordens religiosas se acham estabelecidas na Inglaterra. Quanto aos perseguidores, a sua memoria é execrada por todos os que encaram seriamente o passado, sejam ou não catholicos, partidarios ou não da falsa reforma, porque a infamia dos pretendidos reformadores foi descoberta por documentos historicos.

Tudo isto faz renascer e avivar a esperanza da proxima conversão da Inglaterra. . . Depois da benção do Bispo, a peregrinação dispersou-se lentamente, cantando hymnos religiosos.

Erratas

No numero 17—Um impossivel—na 1.ª quadra aondo se lê—iguorancia—deve lêr-se—iguominia.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo Preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meio anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.